



VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor: — **Dr. Manuel Marques dos Santos**
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: -- **Padre Manuel Pereira da Silva**
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.



LÚCIA DE JESUS

(a vidente de Fátima)

Em religião

IRMÃ MARIA LÚCIA DAS DORES

O seu primeiro retrato após a sua profissão a 3 de Outubro de 1928

Alma eleita

(3 - X - 928)

Quando o bom povo desta heroica e nobre terra via gemer a Crêça em dura escravidão, à Fátima, qual flôr do Empireo, em plena serra, descia a Mãe de Deus — explêndida Visão!

Grassaram pelo mundo a peste, a fome e a guerra, enchendo a terra e o mar de sangue e maldição, mas, na Cova da Iria, etéria voz encerra promessas aos zagais de graças e perdão.

Dois lustros já lá vão: no altar aurifulgênte vai Lúcia de Jesus, a mística Vidente, sagrar-se para sempre Espôsa do Senhor.

E os dois Primos no Céu contemplam-na sorrindo, de vida e luz e paz gozando o oceano infindo, junto da Virgem Mãe e aos pés do Rei de Amôr.

Visconde de Montelo.

A Grande Peregrinação Nacional de Outubro

OS CELESTES ESPLENDORES DE FÁTIMA

A vigília de armas — As diversas peregrinações — A procissão das velas — A adoração nocturna — Práticas do Senhor Bispo de Leiria — A bênção do antíssimo Sacramento.

Aproximava-se o dia treze de Outubro de 1928, dia em que se realiza cada ano a segunda grande peregrinação nacional ao santuário augusto de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, graciosamente alcandorado num dos contrafortes da serra de Aire, em pleno coração da Extremadura! As multidões dos crentes, no seu entusiasmo ardente e vivo, entretecido de Fé e piedade, precipitam-se caudalosas no vasto anfiteatro da Cova da Iria, vindo de todos os recantos, ainda os mais longínquos e os mais recônditos, da linda e privilegiada terra de Portugal.

Na véspera à tarde, já o número de peregrinos, que formigam no recinto das aparições ou enxameiam nas suas proxi-

midades, se eleva à soma de muitos milhares de pessoas de ambos os sexos e de todas as idades e condições sociais.

Várias peregrinações e grupos de peregrinos, assim como uma multidão inumerável de romeiros isolados, chegam à terra santa da Lourdes portuguesa para tomarem parte na grandiosa procissão das velas, que é a última do corrente ano e que não se renova senão a partir do mez de Maio do próximo ano.

Entre as peregrinações organizadas, que vieram a Fátima este mês, com os seus ricos e vistosos estandartes, afim de assistirem a todos os actos officiais da comemoração festiva do dia treze, podem mencionar-se as seguintes: a de Lisboa, director Ex.mo Cónego Miranda Magalhães, 300 pessoas; a de Bemfica (Lisboa), director o pároco Rev.do Francisco Maria da Silva, 130 pessoas; a do Pôrto, promovida pelo grupo das mulheres cristãs aos pés de Maria, director Rev.do Alberto Pinto de Souza, 40 pes-

soas; a de S. Mamede da Infesta (Pôrto), director o pároco Rev.do José de Pinho, 50 pessoas; a de Pombal, 500 pessoas; a de S. Tiago da Guarda, 200 pessoas; a de Santa Eufémia, 100 pessoas; a de Pousa-Flores (Ancião), a dos empregados da Empresa «Cimentos de Leiria» e a de Rio Mau (Vila do Conde), director o Rev.do Antonio Agra, arcepreste de Castro Daire.

Viam-se também, entre muitos outros, grupos de peregrinos de Guimarães, Lamego, Pedras Salgadas, Grijó, Lourosa, Paião, Valbom, S. Pedro de Alva, Penacova, Peniche, Ovar, Nazaré, Bombaral, Caranguejeira, Leiria, Torres Novas e Santarém.

À tarde chegou de automóvel, acompanhado do Rev.do Augusto de Sousa Maia, seu secretário particular, e outros eclesiásticos da sua diocese, o Ex.mo e Rev.mo Senhor D. José Alves Correia da Silva, illustre e venerando Bispo de Leiria, que veio expressamente para presi-

dir aos actos colectivos da Grande Peregrinação Nacional.

As dez horas, pouco mais ou menos, começa a procissão das velas, que constitue sempre, e principalmente em Maio e Outubro, por causa da extraordinária concorrência de peregrinos, uma das scenas mais empolgantes a que é dado assistir sobre a terra.

Do alto da varanda do Pavilhão dos doentes, o augusto Prelado assiste ao espectáculo daquela longa fita de fogo, que se desenrola através do recinto das aparições numa extensão dalguns quilómetros.

Entre outros personagens de distinção que se encontram naquele local, merece especial referência o illustre poeta Afonso Lopes Vieira, glória das letras pátrias.

Depois da procissão das velas, que terminou pelo canto do *Credo*, em frente da capela das missas, é exposto o Santíssi-

mo Sacramento e principia a adoração nocturna.

O Rev. do Dr. Marques dos Santos que, colocado em frente do microfone, dirige aquela mole imensa de gente, composta de muitas dezenas de milhar de pessoas, inicia a recitação do terço do Rosário, que é rezado em comum, alternadamente com os assistentes. Nos intervalos das dezenas, o Senhor Bispo de Leiria explica os mistérios dolorosos, que propõe à piedosa meditação dos fiéis.

Diante dos olhos do espirito de todos os circunstantes perpassam, numa visão de tristeza e amargura, as scenas dolorosas da Paixão do Senhor: a agonia no Horto de Getsemani, a flagelação, a coroação de espinhos, a subida do Calvário com a cruz às costas, a crucifixão e morte entre dois ladrões. A caridade para com o próximo, especialmente para com os doentes, o reconhecimento da Realeza de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei dos indivíduos e Rei das Nações, a santificação da família portuguesa, a mais admirável de todas as famílias, quando verdadeira e profundamente cristã, e a execração das modas imorais, eis os assuntos palpitantes de interesse que Sua Excelência Reverendíssima versou a traços largos, concluindo por rezar com a multidão pelo venerando e querido Senhor Cardinal Patriarca de Lisboa, pelo Senhor Bispo Coadjuvante de Lamego, infelizmente doente, e por todas as demais pessoas que se recomendam à piedade dos fiéis em Fátima, nomeadamente pelos enfermos.

A adoração nocturna, cuja segunda hora é reservada à peregrinação de Lisboa, a que preside o Ex. mo Cônego Miranda de Magalhães, termina pela bênção do Santíssimo dada da varanda do Pavilhão.

Entretanto, na Cova da Iria e nas suas imediações, milhares de pessoas descansam um pouco os membros fatigados dum longa e incômoda viagem, estendidas sobre o leito desconfortável da terra nua e dura. A noite tranqüila e amena quasi primaveril, convida docemente ao repouso. Vêm-se grupos de peregrinos formando pequenos acampamentos frouxamente alumiados pelos côtos das velas que serviram na procissão nocturna. Muitos romeiros, porém, conservaram-se despertos, ora rezando em frente da capela das missas ou junto do padrão comemorativo das aparições e dos sucessos maravilhosos, ora percorrendo o recinto sagrado para fazerem uma ideia aproximada do que é a vigília de armas preparatória da Grande Peregrinação Nacional.

Ao pé da capela das missas, duas mulheres do povo, que acabam de chegar, conversam em voz baixa. De repente, uma delas, ao ver as muletas que pendem do tecto interior da capela, não pode conter uma exclamação de surpresa e pergunta à sua companheira o que quer dizer aquilo. A interpelada, cheia de alvoroço, levanta a voz e responde com decisão: «então, foram aleijados que Nossa Senhora curou e que depois prantaram as muletas ali».

Missas e comunhões — Transporte de enfermos — Os servitas e as servitas — Os beneméritos hospitalários do Pôrto — Os médicos no Posto das verificações — Ex-votos dos miraculados.

As quatro horas da manhã principiam as Missas, que se celebram umas na capela do Pavilhão e as outras na Penitenciária dos homens. De espaço a espaço, o Pão dos Anjos é distribuído aos fiéis devidamente preparados pela confissão sacramental, que se aproximam da mesa eucarística em número de muitos milhares. As Missas e as Comunhões prolongam-se até à uma hora, aproximadamente. Na véspera à tarde e durante toda a manhã, os servitas entregam-se, com uma actividade incansável e com uma dedicação sem reservas, à pesada tarefa do transporte dos enfermos. São coadjuvados nesse trabalho por uma secção da benemérita corporação dos Hospitalários do Pôrto, que espontânea e desinteressadamente vieram no seu autocar, em serviço de socorros e condução de doentes, oferecer o seu valioso préstimo à direcção do Santuário. O grupo era constituído pelos seguintes elementos: Dr. Antonio Paul, director clínico, Ramiro Araujo presidente da direcção, Viriato Viana, primeiro secretário, Fernando A. Matos, tesoureiro, capitão Fru-tuoso José Garcia, comandante Américo

Ferreira e Sebastião R. da Silva, enfermeiros, Alberto Carneiro, José Sidra, Deolindo Marques Garcia, Joaquim Silvino Madeira, Ramiro Araujo Junior, João José Fernandes, Fernando Carvalho, Herculano Sousa, Cesar Albot, Carlos Durães Leão, José Rodrigues Moraes e Tomás Costa Albot, voluntários. Madames Alice Aranha, Julia Viana, Beatriz Paul, Maria Cândida Costa Albot, Emilia Marques Rodrigues Silva, Carolina Silva e Milles Silvina Aranha, Maria Canêdo, Laura Oliveira Carvalho (Fraião), Maria da Conceição Norton e Maria Cândida Norton, damas hospitalares. As servitas, são infatigáveis na sua angélica missão de poupar incômodos, mitigar sofrimentos e proporcionar confortos de toda a espécie aos enfermos confiados à solicitude e disvelos da sua inextinguível caridade.

No Posto das verificações médicas, além do dr. Pereira Gens, chefe do Posto, e do dr. Mesquita Paul, director dos Hospitalários da cidade do Pôrto, vêm-se a examinar e inscrever os doentes no livro de registo ou a prestar-lhes a necessária assistência ou ainda a visitar o edificio e as suas instalações, entre outros distintos clínicos, os drs. Weiss de Oliveira e Pedreira Cabral, de Lisboa, Moreira Ramos, de Grijó, Pinto Correia, de Tremês, Pereira Coutinho, de Cascais, Azêvedo Mendes, de Torres Novas, Cortez Pinto, de Leiria, Lopes Cardoso, de Gondomar, e Mendes de Carvalho, de Lousada.

Na sala das observações entra coxeando uma mulher de meia idade, carinhosamente amparada por outras duas mulheres. Viera da capital afim de pagar uma promessa feita em hora de aflicção e, devido à desigualdade do terreno e à escuridão da noite, puzera um pé em falso e, torcendo-o, tinha-o deslocado. O dr. Pinto Correia, chamado sem demora, acode pressuroso, com a dedicação que os seus clientes de Tremês bem conhecem e tanto apreciam, e nas suas mãos hábeis e experimentadas os ossos deslocados voltam à sua posição natural. «Muito obrigada, senhor enfermeiro,» diz a pobre mulher, concluída a operação, julgando ventura demasiada encontrar ali com tanta facilidade um médico preparado para lhe valer.

Não se imagina o excesso da sua confusão quando um sacerdote presente lhe mostra o equívoco em que labora e então ela desfaz-se em desculpas, que o distinto médico, simples e despreocupado no exercício da sua caritativa missão, declara não haver motivo para lhe apresentar. Nas salas do Posto estão expostos numerosos e interessantes ex-votos de miraculados. Vêm-se ali, em grande profusão, retratos, cabeleiras, quadros de todos os tamanhos representando lances e scenas emocionantes — testemunhos vivos e eloquentes da fé e piedade das almas e da intervenção do poder infinito de Deus e da bondade maternal de sua augusta e immaculada Mãe, Maria Santíssima.

Cura da esposa dum médico illustre — Os doentes no Pavilhão — Precisão com a Imagem de Nossa Senhora — Avisos prévios — A missa oficial — A bênção dos doentes.

No Posto das verificações médicas, o distinto engenheiro Rocha e Melo, da fábrica da Marinha Grande, fala com calor e entusiasmo, numa roda de amigos, da cura da esposa dum dos médicos mais illustres do Porto, mercê da protecção miraculosa de Nossa Senhora da Fátima. Essa excelente senhora sofria, havia muito tempo, da terrível doença do cancro.

Após vários tratamentos de resultados puramente negativos, resolve-se submetê-la a uma operação e os médicos encarregados de a fazer apressam-se a designar o dia e a hora em que ela se há-de realizar. Entretanto a doente principia uma novena a Nossa Senhora de Fátima e aplica externamente parches de água da fonte das aparições, pedindo com fervor a sua cura. Chega finalmente o dia marcado. A senhora está já estendida sobre a mesa das operações. Mas, logo ao primeiro exame superficial os médicos ficam assombrados, constatando que haviam desaparecido todos os sintomas e vestígios do tumor maligno. A doente estava radicalmente curada, contra todas as previsões e fóra de todos os recursos da sciência humana. Há quem aluda também à cura assombrosa da filha única doutro médico, também da cidade da Virgem, e igualmente dos mais distintos, que se ou-

rou instantaneamente, quando, depois de extraído um dos rins e com o outro a desfazer-se considerado irremediavelmente perdida, se preparava para morrer. O relato desta cura, publicado pelo «Jornal de Noticias», da capital do Norte, causou enorme sensação em todo o País e foi transcrita na íntegra por vários jornais.

O Pavilhão regorgita de enfermos, que ocupam todos os lugares das bancadas. Alguns, que são paralíticos ou se encontram em estado mais grave, estão deitados em macas encostadas à varanda da capela das missas.

Aquella estância de indizível sofrimento, onde se estadeia toda a sorte de misérias físicas e que afligem e torturam a pobre humanidade, acha-se transformada, mercê da acção maravilhosa da graça divina, numa escola de paciência e resignação cristã, que edifica, anima e consola.

Do lado da Epistola, deitadas em macas ou sobre colchões dez senhoras doentes. Entre elas vê-se uma menina de onze anos, de Lisboa, com uma das pernas bastante atrofiada. Como alguém lhe perguntasse se gostava de Nossa Senhora, respondeu prontamente que gostava muito dela e os seus olhinhos, negros e melancólicos, covados num rosto emaciado pela dor, brilharam de íntima alegria. Uma das senhoras, ainda bastante nova, em cujos lábios brinca de vez em quando um sorriso de doce resignação, de mãos postas, e com um terço pendente delas, reza com um fervor angélico, absorvida em profundo recolhimento.

Do lado do Evangelho, em atitude do mesmo modo serena e resignada, estão cinco homens muito doentes, deitados em outras tantas macas.

Mas eis que se aproxima a hora tão suspirada do meio-dia solar. Organiza-se o cortejo que há-de conduzir a Imagem de Nossa Senhora de Fátima para a capela das missas. Renovam-se mais uma vez as scenas incomparáveis do costume. A multidão, espalhada por todo o recinto sagrado, rompe em vivas e aclamações à Virgem Santíssima. Quando a veneranda Imagem entra no recinto dos doentes, o entusiasmo da assistências, que se eleva ao mais alto grau e chega a tocar as raías do delírio, revela-se expande-se pelo acenar de milhares de lenços brancos e por palmas intensas, nutridas e prolongadas. A missa oficial é celebrada pelo Senhor Bispo de Leiria, que a oferece por intenção dos doentes, dos peregrinos e de todos os que se recomendam às suas orações. O Reverendo doutor Marques dos Santos exorta os fiéis a orar pela conversão dos pecadores, diz que o terço que se vai recitar em comum será aplicado pelas mesmas intenções pelas quais é aplicado o santo sacrificio da missa e adverte que durante os meses do Inverno não se realizará a procissão das velas. A missa segue-se a bênção com o Santíssimo Sacramento, que é dada tambem pelo Senhor Bispo. O espectáculo, que então se presenciar, sensibiliza e comove em extremo. Divisam-se lágrimas em todos os rostos. Muito doentes choram e soluçam. Aqueles olhos suplicantes, aquelas mãos erguidas para o alto, aquella comoção intensa que invade e domina os corações, traduzem, dum modo caloroso e eloquente, a fé viva, operosa e fecunda e a piedade ardente e acrisolada, que são o apanágio da alma genuinamente cristã e portuguesa.

O Anjo do conforto divino tinha sem dúvida descido sobre aquela mansão de dor e entornado, nos corações doloridos, a taça do ouro das consolações celestes.

Felizes os que sofrem assim, iluminados pelos fulgores deslumbrantes da Fé, alentados pela força dominadora da esperança e aquecidos pelo fogo ardente do Amor de Deus!

Scena comoventíssima — Sermão pelo Rev.º Dr. Clemente Ramos — Bênção de objectos religiosos — Precissão com a Imagem da Virgem — Invocações, cânticos e consagração a Nossa Senhora — Uma cura extraordinária.

O Anjo da diocese de Leiria está prestes a concluir a cerimónia devinamente bela e sobremaneira emocionante da bênção eucarística aos enfermos do Pavilhão. No momento em que percorre a última fila de doentes do lado da Epistola, tendo nas suas mãos unguidas e sagradas a custódia de ouro que encerra o Rei do Céu no seu Sacramento de Amor, um homem novo, de maneiras distintas e elegantemente vestido, chora e soluça convulsivamente, de

joelhos e de mãos postas, e com os olhos fitos na Hóstia Santa.

Dir-se-ia um doente do corpo que viera a Fátima como tantos outros pedir à Mãe de misericórdia e Divina Consoladora dos Aflitos a cura dos seus males físicos ou ao menos lenitivo e conforto para os seus sofrimentos.

Mas ao peito não ostenta a respectiva senha numerada de inscrição, nem o lugar que occupa por trás da última bancada é destinada aos enfermos. Entretanto o illustre Prelado abençoa com a Santíssimo os doentes da última bancada do lado do Evangelho.

Quando Sua Excelência Reverendíssima, terminada a cerimónia, volta para a coxia, afim de se dirigir novamente para o altar, aquele jovem levanta-se, caminha com passo firme para junto do venerando Antistite e ao dr. Pereira Gens, que acompanha o Santissimo e que, ao vê-lo, o detêm na sua marcha, perguntando-lhe o que deseja, responde que é um doente de alma que também quer receber a bênção.

Desenrola-se então uma scena patética, que faz brotar lágrimas a fio dos olhos de todos os que a ela assistem.

O peregrino desconhecido ajoelha-se deante da Hóstia Santa e, chorando e soluçando de novo, prêso dum emoção indescrevível, recebe a bênção que, igualmente comovido, lhe dá o augusto Ministro do Senhor.

Em seguida levanta-se, abraça o illustre director do Posto das verificações médicas, diz com palavras entrecortadas pelos soluços: «há mais tempo que devia ter cá vindo», ao que o dr. Gens obtempera: «nunca é tarde de mais, meu amigo» e por fim vai outra vez ocupar o seu lugar para assistir à bênção geral e ao sermão. Depois de cantado por todo o povo o hino «Salvé nobre Padroeira», o rev. do dr. Clemente Ramos sobe ao púlpito e diante do microfone prega um sermão apropriado às circunstâncias, versando o tema:

*«Maria vincit, regnat, imperat
Maria Santíssima vence, reina e impera».*

«Vincit. Maria vence. Ela venceu o dragão infernal, porque foi concebida sem mancha e sem mancha viveu e morreu. Vencido pela Virgem, o dragão fez guerra aos filhos da mesma Virgem Senhora, movendo perseguições horrosas contra o povo cristão. Venceu este, mas foi à Virgem que deveu a sua vitória. Que o diga a Roma pagã, onde o Panteão de Menénio Agripa é dedicado a Nossa Senhora dos Mártires, que o diga Bizâncio, onde Constantino Magno consagra templos e altares à Virgem.»

O dragão infernal nada aproveitando neste campo de acção, vai mover uma nova luta contra a Igreja e suscita as heresias no seio da mesma Igreja. E Maria sorri, porque foi Ela, e só Ela, quem matou a heresia em todo mundo: *Gaude, Maria Virgo, cunctas haereseis sola interemisti in universo mundo.* — Regosijai-vos ó Virgem Maria, porque aniquilastes, vós só todas as heresias no mundo inteiro».

Regnat. Maria reina. Ela reina nas montanhas de La Salette, em Lourdes, nas margens do Gave, e sobretudo em Fátima. Bem se vê que é a nobre Padroeira da nação fidelíssima, a augusta Rainha dos portugueses, e por isso todos eles devem reconhecer a sua legítima soberania. Os peregrinos regressarão aos seus lares, mas levando consigo o Rosário, que os prenda para sempre a Maria.

Imperat. Maria impera. Ele impera e ordena, qual Imperatriz suprema do Céu e da terra, que a façamos reinar nos nossos corações, nos nossos costumes e nas nossas festas. Porque Fátima é o centro dos corações portugueses, deve ser o modelo de todas as nossas manifestações piedosas. Como os Magos, os peregrinos devem regressar às suas terras por outro caminho, pelo caminho do amor, da pureza, da virtude, da verdadeira dignidade e integridade cristã.»

Após o sermão, organiza-se o cortejo que há-de reconduzir a Imagem de Nossa Senhora para a capela das aparições. Mas, antes que ele se ponha em marcha, o Senhor D. José, do alto da varanda do Pavilhão, benze todos os objectos religiosos que os fiéis teem nas mãos para esse fim, concedendo aos terços e rosários as indulgências dos Padres Cruzios, as de Santa Brígida e as indulgências Apostólicas e aos outros objectos as indulgências Apostólicas.

A procissão, que é presidida pelo venerando Prelado, dá a volta do costume e, colocada a Imagem sobre o seu pedestal, dissolve-se, depois de feitas as derradeiras

invocações e a consagração a Nossa Senhora.

Nessa ocasião, no Posto das verificações médicas, alguns clínicos, que ainda ali se encontravam, procediam ao exame duma mulher, que os servitas tinham conduzido ao Posto, em seguida à bênção.

Essa mulher, de nome Emília Martins Baptista, de 42 anos de idade, natural de S. Tiago de Aldreu, concelho de Barcelos, foi internada há seis anos no hospital de Espozende, onde se conservava sempre deitada, fazendo com grande dificuldade qualquer movimento e vomitando quasi tudo quanto tomava, inclusivamente o leite, que era nos últimos tempos o seu alimento principal.

Cheia de confiança no poder e na bondade da Santíssima Virgem, pediu o obtendo licença de ir a Fátima implorar a sua cura. Não dispunha, porém, de recursos para a viagem, porque era extremamente pobre. Algumas pessoas de família, da terra da sua naturalidade e de fóra, conseguiram angariar por meio duma subscrição a importância necessária para alugar um automóvel. No dia doze do corrente pela manhã, partiu para Fátima, acompanhada por duas irmãs, uma das quais cega de ambos os olhos, e pela sua solícita e dedicada enfermeira, Cândida de Jesus Pereira. Foi levada em braços do leito em que jazia para o automóvel que a transportou e em Fátima do automóvel para a maca, em que os servitas a conduziam para o Posto e dali para o Pavilhão. A viagem foi cortada de lances e incidentes dramáticos. Ao atravessarem a cidade do Porto, parecia tão grave o seu estado que se resolveu solicitar para ela os últimos sacramentos, que lhe foram administrados pelo rev. do pároco de Cedofeita.

Todos estavam persuadidos de que a viagem viria a ser subitamente interrompida pela morte da infeliz. Todavia a pobre mulher, animada por uma esperança forte e inabalável, pedia que não se retrocedesse. Após um sem número de peripécias de vária ordem, chegaram por fim a Fátima. No Pavilhão dos doentes teve repetidas síncope, de tal maneira graves, que ninguém julgou que saísse dali com vida. Ao seu lado estava constantemente atenta, velando aquela lenta e dolorosa agonia, uma senhora de nacionalidade italiana, de nome Francesca Fitaldi, pertencente à Associação das servas de Nossa Senhora do Rosário.

Num dado momento um dos médicos de serviços aproxima-se da moribunda, examina-a perfuntoriamente e declara que ela acaba de expirar. Ao ouvir esta declaração, D. Francesca pede licença para observar que a criatura ainda está viva. O médico, surpreendido, pergunta-lhe como é que sabe isso, ao que a boa servita responde que lhe sentia o pulso, posto que muito fraco.

São-lhe dadas duas injeções de óleo canforado para a reanimar. Resultam inúteis todos os esforços que se fazem para a trazer à vida.

Mas, ao receber a bênção do Santíssimo tudo muda como que por encanto. A enferma principia a despertar como dum sono profundo, reanima-se pouco a pouco e de repente, sentindo um bem estar indefinível, exclama: «Estou-curada! E acrescenta logo: «Graças e louvores a Nossa Senhora de Fátima!» No auge da alegria, pretende levantar-se, mas a isso se opõem os servitas, que receiam as consequências da explosão do entusiasmo popular.

Depois de conversarmos com ela durante alguns momentos, colhendo da sua própria boca as informações que acabamos de reproduzir e cuja exactidão foi corroborada pela enfermeira, dirigimo-nos à ceguiña, que à nossa pergunta, «se estava contenta», a-pesar-de não ter sido curada, respondeu afirmativamente, acrescentando que se conformava sem reservas com a vontade de Deus a seu respeito.

Outras curas — Religiosas de S. José de Cluny — Peregrinos estrangeiros As obras do Santuário — O regresso dos pegrinos — Silêncio e Solidão.

No vasto anfiteatro da Cova da Iria, de grupo em grupo, entre os que se formam de pessoas conhecidas, pouco antes da dispersão definitiva, para a natural troca de impressões, acerca dos acontecimentos do dia, corre veloz a notícia consoladora de se terem realizado outras curas não menos extraordinárias.

Uma dessas curas, por ventura a mais interessante, é a duma criança cega e

muda, que recuperou subitamente a vista e a fala. Aparentava ter cerca de oito anos de idade. Estava junto da fonte da água miraculosa, quando se desprendeu pela primeira vez a palavra «mãe» e pela primeira vez também os seus olhos contemplaram extasiados a pequenina medalha de Nossa Senhora que trazia presa a um fio pendente do pescoço. Não se pode fazer ideia da comoção que se apoderou da venturosa mãe, ao constatar o duplo prodígio operado na filha estremeçada pela bondade da Mãe de Deus. Radiante de alegria e como que fóra de si, chorando e soluçando, beija repetidas vezes e aperta ternamente ao seio a feliz criança privilegiada do Céu. Dezenas de pessoas rodeiam imediatamente o grupo encantador formado por mãe e filha e todas querem à porfia ver e tocar na ditosa menina, que um homem do povo levanta no ar acima da sua cabeça, para que os circunstantes a possam conhecer e contemplar.

E referem-se e comentam-se outras curas físicas retumbantes e o sem número de assombrosos prodígios de ordem moral dos últimos tempos — as conversões estupendas que se operam continuamente na terra bendita de Fátima, o santuário por excelência dos milagres morais.

É um célebre médico da provincia de Traz-os-Montes, que vai a Lourdes portuguesa confessar-se e comungar, porque, tendo estado em perigo de vida com uma pneumonia, a sua família recorreu cheia de confiança a Nossa Senhora de Fátima, que o curou da alma e do corpo, em condições humanamente inexplicáveis. É um distinto advogado de Lisboa, espírito liberal e despido de preconceitos, como soi dizer-se, mas honesto e bem intencionado, que visita por curiosidade a terra das aparições e dos prodígios e que se rende à evidência irresistível dos factos, preparando a sua próxima conversão. É um estrangeiro, largamente bafejado da fortuna, alma natural e tradicionalmente cristã, transviada por influência do meio e por falta duma sólida formação religiosa, que se confessa e comunga com disposições edificantes, depois de viver trinta anos afastado do tribunal da penitência e da mesa eucarística. É um homem do povo de nome Francisco Rebelo Alves, residente em Famacião, concelho da Nazareth, que, sofrendo, havia três meses, de dores horríveis nos rins e nas costelas, que o impediam de trabalhar, se curou rapidamente, sem tomar nenhum medicamento, depois de ter feito uma promessa a Nossa Senhora de Fátima. É uma senhora de 33 anos de idade, do Algarve, desenganada pelos médicos do Algarve e de Lisboa, que se cura dum cancro na laringe, após a invocação de Nossa Senhora de Fátima, o que dá ensejo à realização duma festa em acção de graças, em que toma parte em larga escala a população da sua freguesia.

É o caso de D. Beatriz Gomes da Costa, filha dum médico do Porto, a que se alude mais atrás, que estando às portas da morte, recobra instantaneamente a vida e a saúde, graças à intercessão da gloriosa Senhora Aparecida.

É o caso de D. Arminda dos Santos Barbosa, de Viana do Castelo, curada às 10 horas da noite do dia 25 de Agosto passado.

É finalmente a cura dum menino de 7 meses de idade, cego de nascença, chamado Vergilio Perdigo, morador em Setúbal, na Avenida Eduardo Salgado, eue, depois de receber a bênção dos doentes, principiou a olhar e a seguir as luzes com a vista, o que até então nunca tinha feito.

Assistiram no dia 13 a todas as comemorações festivas, envergando os seus hábitos, duas religiosas de S. José de Cluny, uma das quais irmã do conselheiro Aires de Ornelas, a muito veneranda Madre Ornelas, assistente geral da sua Congregação, condecorada pelo Governo Francés com a Grã Cruz da Legião de Honra. Cercadas por todos das atenções e deferências a que tinham jus e envolvidas pela multidão dos peregrinos numa atmosfera de respeitosa simpatia e profunda veneração, essas duas santas senhoras deviam ter levado consigo por todos os motivos uma gratíssima recordação da sua visita ao Santuário de Fátima.

Entre os peregrinos contam-se muitos estrangeiros, principalmente brasileiros e espanhóis.

As obras do Santuário continuam a realizar-se lentamente, mas sem solução de continuidade, em harmonia com os planos traçados pelos distintos engenheiros encarregados da sua direcção.

Mais de cem artistas — cabouqueiros, pedreiros, carpinteiros, pintores e estuadores — trabalham todos os dias, no exercício da sua arte, povoando a Cova da Iria de monumentos de toda a ordem.

Já se ergue, esplêndida na elegante sobriedade das suas linhas architectónicas, em estilo levemente gótico, uma nova e linda igreja, a Penitenciária dos homens, situada por trás do Pavilhão dos doentes. O Hospital-Sanatório, que se está construindo defronte do Posto das verificações médicas, já se acha muito adiantado.

No alto da colina sagrada, precisamente no local em que no dia 13 de Maio de 1917, os três videntes brincavam, quando o primeiro relâmpago precursor da Aparição sulcou o espaço, jazem grandes

blocos de pedra já aparelhados para os alicerces da grande Basílica.

São quasi seis horas da tarde. Os peregrinos regressam apressadamente aos seus lares. Apenas alguns, das povoações mais próximas, se conservam naquele recinto bendito, a gozar do ambiente saturado de sobrenatural, que ali se respira a plenos pulmões.

As sombras da noite descem pouco a pouco sobre a futura cidade da Virgem, no meio do silêncio e da solidão que reinam soberanamente na estância bendita de Fátima, quando os derradeiros clarões do sol poente se apagam entre as brumas do horizonte distante por sobre as águas do oceano, mais vasto que a terra, imenso como o céu.

Visconde de Montelo

As curas de "FÁTIMA,"

Meningite.

Maria Vieira de Sousa Basto de Barcelos, em carta de 13 de setembro, informa:

«Entusiástica devota de Nossa Senhora de Fátima, desejo que todos conheçam o grande favor que Ela me concedeu, salvando-me duma grave doença um filhinho querido.

Em maio do corrente, alarmou-me repentinamente o meu filhinho Miguel, de 5 anos, pois, com grandes gritos implora-



Miguel de Sousa Basto

va a N. S.ª de Fátima que o aliviasse duma horrível dor na cabeça. Chamado o médico da família disse logo tratar-se dum principio de meningite. E, reunidos outros clínicos numa junta médica, todos concordaram no mesmo, declarando o caso grave, devido a complicações no fígado, pulmões e intestinos que dois dias depois surgiram.

O meu coração de mãe já dorido por tamanha ansiedade, sofreu mais rude golpe quando um especialista de crianças vindo do Porto propositadamente, veio confirmar as afirmações dos médicos de Barcelos, dizendo-me que não me deixasse vencer pelo desânimo e que recorresse á intervenção de qualquer santo da minha devoção.

Sairam os médicos em número de quatro e eu caí aos pés duma imagem de Nossa Senhora de Fátima, implorando-lhe com o maior fervor a salvação do meu filhinho. Este, nos momentos de maior dor na cabeça rogava em gritos a N. S. Fátima que lhe acudisse e só tomava os remédios misturados com água de Fátima.

Passados alguns dias, com grande espanto de todos, (pessoas houve que o julgaram morto) o meu filhinho deixava o leito, brincando alegremente, completamente curado.

O médico especialista achou um caso tão extraordinário que pediu informações minuciosas das diversas fases da doença a fim de elaborar um relatório para enviar a uma revista médica de Paris, que o publicou como um caso anormal.

E aqui está um verdadeiro milagre de N. S. de Fátima a quem manifestarei o meu reconhecimento fazendo um triduo em Sua honra no próximo mês, na Ca-

pela de S. José de Barcelos onde a imagem daquela Senhora se encontra exposta aos fieis. E hoje, dia 13 de setembro, pessoa de familia acompanha a Fátima o meu filhinho que vai agradecer a N. S.ª Senhora o grande favor que lhe fez.

E a minha alma reconhecida nunca deixará de ser grata a Nossa Mãe Santíssima, pelo que nunca deixarei de considerar um verdadeiro milagre.

A salvação do meu filho.»

Pneumonia.

P.e Elias Alves pároco de Chaves, em carta de 27 de junho, conta o seguinte:

Venho cheio de alegria comunicar-lhe para o publicar na «Voz da Fátima» mais um triunfo de Maria, Senhora da Fátima.

Havia já trez dias, que me encontrava num doloroso sofrimento, com uma pneumonia dupla. Os meus pulmões já não respiravam ou respiravam com a maior dificuldade imaginavel, uma tosse fortíssima e sufocante, punha-me quasi na Eternidade. Recebi o Sagrado Viatico com bastante dificuldade.

A minha sobrinha Luíza Calvão, minha companheira, e minha irmã que veio auxilia-la na enfermagem, não se aproximavam da minha cama, sem ser com os olhos marejados de lagrimas, e lividas imploravam o auxilio da Consoladora dos Afritos e grande protetora dos sacerdotes, trazendo meio copo de agua milagrosa da Fátima (milagrosa sim, milagrosa) dame apenas trez gotas e eis que me sinto com os pulmões respirando sem dores e sem obstaculos, a tosse diminuiu consideravelmente, os escarros que eram quasi só sangue, mudaram, e eis me em convalescença e quasi restabelecido. Quero que V. Rev.ma e meu bom colega, publique estas minhas linhas como mais um triunfo de Nossa Senhora da Fátima, que aos seus pés, eu e minha sobrinha, em breve iremos ajoelhar, e com o nosso pequenino mas sincero ex-voto agradecermos, mais este favor a quem tanta falta fazia, não só na paróquia, pela escassez de clero, mas tambem para companhia e auxilio da minha irmã e familia.

Agradecimento! gloria e louvor a Nossa Senhora da Fátima!

Eczema.

Candida Martins Vieira de Magalhães, de Cabeceira de Basto, em carta de 15 de agosto, informa:

«Pedia o favor de dar á luz da publicidade na «Voz de Fátima» de que V. Ex.cia é mui digno administrador, os seguintes relatos relativos a uma cura por intervenção de N.ª Senhora de Fátima; pelo que, me confesso imensamente reconhecida.

Existe aqui em Cabeceiras de Basto uma mulher de nome Maria de Jesus Pereira de 72 anos de idade, solteira, filha de António José Pereira dos Santos e de Fereza de Jesus da Cunha, (ambos falecidos) nascida na freguesia de Santo André de Painzela, concelho de Cabeceiras de Basto, e residente actualmente no lugar de Mapuseira, freguesia de S. Miguel de Refojos tambem de Cabeceiras de Basto, que sofria há 3 anos de uma espécie de eczema que lhe tomava o rosto completamente e costas das mãos.

Tendo já consultado vários médicos e tendo até feito o ano passado, uso da água de Vizela para onde foi 15 dias não obtendo no entanto resultado algum, encontrava-se já sem esperanças de cura,

segundo as opiniões médicas e farmacêuticas.

Como em Maio último eu tivesse a felicidade de poder ir a Nossa Senhora de Fátima onde pude obter a água miraculosa, após o regresso dei-lhe uma garrafa com alguma água recomendando-lhe que se lavasse com muita fé e que implorasse da Virgem Imaculada de Fátima a sua cura que estava por certa Nossa Senhora a atendia.

Efectivamente desde que principiou a fazer uso da água melhorava consideravelmente dia a dia encontrando-se completamente sã.

Devo acrescentar que a miraculada, sempre teve crença religiosa mas aumentou imenso desde que foi alvo duma tão particular graça com que acaba de ser favorecida.

A mesma cura é confirmada pelo Rev. Vigário António Martins Vilela que sob juramento afirma o seguinte:

«Em aditamento à carta junta subscrita pela minha paroquiana Cândida Martins Vieira de Magalhães, corroboro tudo o que nela se diz respeitante à miraculada Maria de Jesus Pereira, que se encontra plenamente restabelecida e curada da eczema que lhe deformava e encorticiava o rosto.

Esta cura foi rápida e plena, cerca de uns cinco dias, após as lavagens com a bendita e miraculosa água da fonte da Cova da Iria, em Fátima.»

Eczema.

Carolina Rosa de Jesus, natural de S. Martinho de Gandra, Oliveira d'Azeméis, informa assim a cura devéras extraordinária, de seu filho Manuel Nunes da Silva de 5 anos de idade:

«Havia mais de dois anos que meu filho vinha sofrendo horrivelmente dum eczema que lhe poz a cabeça toda em ferida, originando assim a queda radical do cabelo. Recorrendo á medicina notei que as suas informações eram tristes e muito pouco animadoras; infructíferos resultaram também todos os medicamentos applicados.

Um dia quando um médico, depois de examinar cuidadosamente o meu filho, me disse que ele ainda tinha sofrimento para mais tres anos, eu fiquei aflitíssima e resolvi logo implorar da SS.ma Virgem, que é a «saúde dos enfermos», a graça duma cura mais rápida para o ente que eu tanto estremecia. Durante dois meses seguidos que eu, em comum com a



Manuel Nunes da Silva

minha familia, resava o terço e fazia novenas com essa intenção, prometendo, caso obtivesse a cura tão ardentemente desejada, de publicá-la na *Voz de Fátima*.

Desde logo comecei a notar certo alívio no padecente que terminou por ficar completamente sã, contra a expectativa de todos. O cabelo reapareceu-lhe, vasto e mimoso, como dantes.

Hoje encontra-se sem vestígio algum dessa enfermidade torturante que tão sérios cuidados me vinha inspirando. Por isso venho agora, satisfeita, agradecer a N. Senhora do Rosário da Fátima, a graça que se dignou conceder-me e juntamente cumprir o voto que fiz da publicação do relate singular e humilde desta grande cura.»

Outras graças

Um desastre.

As irmãs da Missão de Cabinda (Congo Português) contam a seguinte graça obtida na Missão no dia 5 de Junho de 1928 pela intercessão de Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

Estamos na véspera da festa do Corpo de Deus. Sem que se interrompa o regulamento diário da Missão, trabalha cada um como pôde para apresentar ao Rei dos Reis, as suas surpresas. Sendo a festa mais solene de todas, fazemos todo o possível nos dias anteriores para preparar o que é necessario afim de poder mais livremente nesse dia adorar Aquele que ficando exposto todo o dia, sae no fim da tarde a abençoar os que para isso se apresentam.

Com o intuito de mimosar as crianças em honra de quem tudo merece, preparava-se uma sobre-mesa de côcos, e para isso fazia-se a colheita nos dias anteriores.

No dia 5 ás 9 horas da manhã, hora em que dão entrada na escola, uma pequena de idade de 6 a 7 anos, em vez de seguir as outras, vai para onde o serviço anda a colher os côcos sem que este note a criança e dá-lhe com um em cima da cabeça!

Suas companheiras que já tinham entrado para a escola, ouvem um grito: A Amélia morreu! «Era este duma mulher que passava no caminho» Num minuto todas cercavamos a criança inanimada!

A nossa emoção foi tão grande e não vimos ali outro remédio senão voltarmos para Aquela que é a consoladora dos aflitos!... Corremos a buscar agua de N. Senhora de Fátima enquanto que suas companheiras em prantos imploravam da Virgem que ao menos lhe desse lucidez para receber os ultimos Sacramentos.

Deitamos umas gotas na cabeça da criança que, um instante depois, abria a boca e engoliu outras tantas! A nossa Amélia estava salva! A Virgem Santíssima submeteu a nossa fé a uma grande prova e quiz mostrar em terras africanas a autenticidade das suas aparições na Cova da Iria.

Uma criança de idade 6 a 7 anos com um peso de 4 quilos 400 gramas caído da altura de 12 metros... não se pôde duvidar do milagre da SS. Virgem. A criança ficou uns 8 dias impressionada. Hoje anda perfeitamente sem que lhe ficasse a minima impressão.

Mil ações de graça áquela bendita Mãe por nos livrar da morte, na véspera da grande festa, uma criança que nos tinha sido confiada por seus pais, e de tão boa vontade!...

A Arqu-Confraria do SS. Coração de Maria, de Lisboa em "Fátima,"

Em comboio especial partiu no dia treze de Agosto, para Torres Novas, uma peregrinação, que se dirigiu a Fátima; levava o seu estandarte que se fez expressamente para ser *O chefe da peregrinação*: de setim branco, franjado a ouro, ostentava uma delicada e fina imagem do SS. Coração de Maria, as mãos abertas, espargindo graças; do lado oposto, em setim escarlate, lia-se em letras bordadas a ouro «Arqui-confraria do SS. Coração de Maria da Igreja do Mosteiro da Encarnação. Lisboa, 13-8-1928.»

E' uma das mais antigas corporações piedosas da capital, tendo no seu principio do ano de 1818 a sua maior expansão, quando se filiou em 1842, á Arqu-confraria do SS. Coração de Maria na Igreja de Nossa Senhora das Vitórias, em Paris.

Pois este grupo de crentes era uma falange desta benemérita instituição que tem por fim um culto amoroso ao SS. Coração de Maria implorando a conversão dos pecadores.

Portanto, os confrades são outros tantos apóstolos, já com o seu exemplo, já com as suas palavras, e muitos dêles merecem este titulo. No primeiro sábado de cada mês reúnem-se na Igreja do Mosteiro da Encarnação ás 9 e 1/2 horas da manhã para assistirem aos pios exercícios da da Arqu-confraria, constando de Missa, Comunhão geral, prática e várias orações, terminando com a bênção do Santíssimo Sacramento.

Era dever da dita associação visitar o Santuário mil vezes bendito de Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

Os filhos queridos do Coração de Maria foram lá retemperar a sua piedade, colher novas inspirações para o seu zelo mais e mais se desenvolver na propagação de tão santa Obra.

Em constantes e fervorosas preces intermeadas de enternecedores cânticos, já no comboio, já nas camionetes, foram os peregrinos a Fátima e de lá regressaram igualmente.

Acompanhados pelo seu rev.do Director Espiritual, o Santo Dr. Cruz, tiveram a dita de obter uma cura cujo relato pormenorizado se encontra noutra secção deste jornal.

E se tudo correu na melhor ordem deve-se ao zelo incansável do sr. Engenheiro Luciano d'Almeida Monteiro, Vice-Presidente da referida Arqu-confraria que se não poupou a esforços para dirigir a peregrinação, de sorte que não houve nem confusões, nem semsaborias. Nossa Senhora o recompense! E que resultou de tanto labor? Um afervoramento na associação, a qual, *saudosíssima* daquela mansão divina, aneia por lá voltar, para o ano de 1929, com grande número de confrades, o dôbro, se fôr possível...

Que todas as grandes e pequenas confrarias e associações corram ao lugar bendito das Aparições, e Maria Santíssima fará em favor delas o que se dignou fazer para com a Arqu-confraria do SS. Coração de Maria. Experimentem!

A presidente

M. C. R. de Abreu

Abrigo dos doentes Peregrinos da Fátima

Transporte	2.212\$55
Virgínio Ferreira	10\$00
	2.222\$55

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	123.732\$30
Papel, composição e impressão do n.º 73 (71.000 exemplares)	4.064.50
Sêlos, embalagem, transportes gravuras e outras despesas	998\$07
	128.790\$17

Subscrição

(Novembro de 1928)

Joaquim Manuel da Silva Gravato, Rosalina da Glória Canhola, Manuel Inacio de Sousa, Maria do Ceu Neto, Maria dos Anjos Ferreira, Maria Antonia A. Carvalho, P.e Candido Maia, Helena Pereira Roriz, Maria da Glória Ribeiro, José Marques Torres Junior, Palmira Soares de Castro, Francisca Correia, Josefa de Jesus tro, Francisca Correia, Josefa de Jesus (18\$45), Maria Luiza Correia Pinto, Julia Azevedo, Joaquim José Ribeiro da Cunha (20\$00), P.e Frederico Duf (20\$00), Ana Silva, Dr. Cisneiros Ferreira, Deodata A. Malato (20\$00), J.e Joaquim Borges Dias de Menezes (12\$ 0) Maria de Carvalho Dias Machado, Maria Iria da N. Moniz do Canto Pontes (20\$00), Manuel Nunes do Pranto, Crescencia Fernandes Dias da Cruz, Amelia Lopes de Mendonça, Roberto dos Santos Carvalho, Alfredo Tavares, Antonio Machado Fagundes, Alda Rita Rodrigues de Oliveira, Maria Otilia Faria, Delfina Maria de Almeida (60\$00), Maria José Chorão, José dos Santos, Henrique Elias, Piedade Vieira Mõro (15\$00), Amelia Eugenia Franco da Fonseca, Inacio de Moura Coutinho da Silveira (20\$00), Maria Julia Marques Ferreira (20\$00), Maria Rosalina Lopes Marinho, João Rodrigues da Costa, Manuel da Silva Jordão, Luiz de Souza Moreira Ribeiro, Julio da Conceição Ivo, Conceição Lopes Braz, Guilhermina da Piedade Chaves, Joaquina da Silva, Cristina Gomes (20\$00), Maria da Nova Bastos, Maria Magdalena Soares Moreira, Maria do Carmo Neves, Mariana Tereza Pereira, Natalia de Jesus Silva, Anonima de Coimbra (50\$00), Alberto de Almeida, Maria do Carmo da Rocha (15\$00), Dr. José Maria Malheiro, D. Maria Isabel Monteiro Reinas (50\$00), Adelina Augusta Correia, Mariana Moreira dos Santos.

De jornais: P.e Francisco Joaquim da Rocha, 30\$00; Emilia Nunes da Rocha, 30\$00; Maria da Piedade Cerejo de Matos, 30\$00; Maria Henriqueta Ribeiro Baptista, 30\$00; P.e João Jorge Betten-court, 30\$00; Inez Cabral Nunes Barata, 30\$00; P.e Rafael Jacinto, 50\$00; Isabel Gomes, 4\$00; Adelaide Mendonça Freitas, 8\$00; Emilia Augusta Leite de Castro, 50\$00; donativo de Maria Helena Padrão Sarmento Pimentel de Moura, 100\$00; Tereza B. Forte, 50\$00; Joaquina Vieira, 50\$00; Maria das Dores Tavares de Sousa, 50\$00; Augusto Marques Gouveia Pereira, 51\$00; Asilo de S. José, Braga, 26\$00; donativo de D. Euponia Teixeira, 90\$00; P.e Antonio Nunes Alberto (de jornais, de varias pessoas) 30 dollars, Duqueza de Palma, 100\$00.

Antonio Barbosa, Maria Catarina Parreira, Vasco Taumaturgo Teixeira Doria (20\$00), José de Oliveira Marujão, P.e Luis Caetano Portela, Manuel Antunes Pereira, Julio A. de Assis (16\$50), Maria da Conceição Carvalho, Maria da Apresentação Gonçalves (30\$00), Maria Carolina Caetana, Ana Margarida Ferraz, Antonio Pinto, Madame Rocha Melo, Lucinda Nunes Barbara Georgina Pascoal, Maria Amelia de Magalhães Mexia, Maria Isaura Mateus, Joana do Rosário Silva Simões, José da Silva Henriques, Olinda G. Reis, Alice Garcia, Hilária de Andrade Moraes, Amalia Mendes de Macedo, P.e Manuel Teófilo de Sousa (20\$00), Maria Antonia Rodrigues, Agostinho Gonçalves Henriques, José Vicente Pita (20\$00), Alzira Sousa Nobrega, Carolina Eduarda, E. Postac (59\$42), Fernando Cunha, Luiza do Nascimento Fagundes, P.e Antonio Medeiros, Ida Louzada, Mariana Tereza Pereira, José de Matos Dias.

Maria José Ferreira Paulino (100\$00), Manuel Ramos da Costa (60\$00), Maria Amelia, de Faro (35\$00), Apostolado da Oração de Vila Viçosa (54\$35), pessoas de Ilhavo (75\$10), Maria Adelaide Marques de Souza (14\$55), Antonia Gíão (80\$00), P.e Francisco Pereira (40\$00), Carlos Nela de Oliveira Barbosa (46\$50), Ana da Conceição Neves (150\$00), Carlos Victórico (105\$00), Idalina Rodrigues Pouzada (19\$50), Ermelinda Ribeiro (4 dollars).

Esmolas obtidas em várias igrejas quando da distribuição da «Voz da Fátima»:

Na Igreja do SS. Coração de Jesus, por mão da Ex.ma Snr.ª D. Maria Matilde Cunha Xavier em Outubro de 1928 ... 33\$35

Assim é que é!

Um rapaz português, ido dos Açores, empregou-se em casa de um importante proprietário americano, na California.

Pelo seu porte sério e pelo seu génio trabalhador conquistou as graças do patrão passando, em poucos meses, de simples trabalhador a capataz.

O patrão, que era protestante, licenciava os trabalhadores ao domingo, para que estes cumprissem os seus deveres religiosos.

O nosso português, porém, em vez de procurar a Igreja, asseivava-se e ou dava longos passeios de carro, ou entretinha-se pelos restaurantes.

O patrão, tendo observado isso, chamou-o.

— Que religião tens?

— Sou católico...

— Mas... não vais aos officios da Igreja Católica...

— Isso é bom para as mulheres, disse o moço a rir...

— Espera aí, tornou o patrão, retirando-se. Voltando pouco depois, diz-lhe: — Devo-te 200 dollars... Aqui tens um cheque... Vai recebê-los ao Banco e... ficas dispensado do meu trabalho! O homem que não é fiel á lei de Deus, muito menos o pôde ser aos meus negócios. Adeus!...